



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O sentimento universal como fundamento da moral em Hume

Por: Giovani Zimmermann Júnior²⁸
betelonline1@gmail.com

Resumo

A moral sempre foi um assunto em discussão em todos os tempos e em todos os lugares. Foco de muitos debates em cenários filosóficos e artísticos, tema sempre pertinente em todas as eras e lugares, pois a moral faz parte da própria essência humana. A palavra moral vem do latim *mores* e significa “relativo aos costumes” segundo historiadores a palavra moral originou-se a partir do intento dos romanos traduzirem a palavra grega *éthica*. Quando falamos acerca da moral, algumas perguntas nos vem em mente: Qual seria o fundamento da moral? Como podemos observar estes princípios na humanidade? A moral seria algo intrínseco ao ser humano ou vem de influências externas ao homem? De onde vem a moral? Para tentar responder estas perguntas pertencentes a essência da própria natureza humana David Hume (1711-1776) aborda seus fundamentos em sua obra: Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral (1751).

Palavras-chave: Sentimento; Moral; David Hume; Ética.

Rezumo

Moraleco ĉiam estis temo por diskuto cxiam kaj cxie. Fokuso de multaj debatoj en filozofiaj kaj artaj scenejoj, ĉiam rilata temo en ĉiuj aĝoj kaj lokoj, por la morala parto de la homa esenco. La morala vorto devenas la latinaj kutimoj kaj signifas "rilate al kutimoj" laŭ historiistoj la morala vorto originis de la intenco de la romanoj traduki la grekan vorton Etika. Kiam ni parolas pri moraleco, iuj demandoj venas en menso: Kio estus la bazo de la moralo? Kiel ni povas vidi tiujn principojn en homaro? La morala estus iu apriora por homa aŭ devenas eksterajn influojn al la homo? Kie faras la morala? Provi respondi tiujn demandojn apartenantaj al la esenco de la homa naturo David Hume (1711-1776) traktas lian fundamenton en lia laboro: esplori homa kompreno kaj la principoj de moralo (1751).

Ŝlosilvortoj: *Sento; morala; Davido Hume; Etiko.*

We are sorry but the author did not send the abstract in English! The Editor.

David Hume filósofo, historiador e ensaísta escocês tornou-se célebre ao longo do tempo por seu empirismo radical e seu ceticismo filosófico. Ele foi um dos grandes

²⁸ É mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Neuropedagogia pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação – ESAP e Graduado em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil – FACETEN.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filósofos de sua época que buscava teorizar o pensamento burguês em franca ascensão social, econômica e política. Foi um dos grandes pensadores acerca da natureza humana, dentre suas grandes obras está *Tratado da Natureza Humana* (1740) que por ser uma obra extensa na época o frustrou por não conseguir o sucesso esperado por seu autor. Seus conceitos, idéias e princípios atravessaram os séculos trazendo uma análise fiel do empirismo britânico sobre a natureza e essência humana. Ao lado de John Locke e George Berkeley, Hume compõe a famosa tríade do empirismo britânico. Hume opôs-se particularmente a Descartes e às filosofias que consideravam o espírito humano desde um ponto de vista teológico-metafísico rompendo com a influência religiosa de sua época e promovendo o ceticismo no pensamento filosófico científico. Desejava consolidar a filosofia como ciência a parte da teologia, tão difundida em sua época. Era um homem de disposição branda, temperado, equilibrado em todos os aspectos de sua vida, de humor franco, sociável e alegre. Pessoa de grande moderação em todas as suas paixões. Dentre as suas principais obras estão: *Tratado da Natureza Humana* (1740), *Investigação sobre o Entendimento Humano* (1748), *Investigação sobre os Princípios da Moral* (1751), *A história da Grã-Bretanha* (1762), *Ensaios morais, políticos e literários* (1742), da imortalidade da alma e outros textos póstumos.

Hume pretendia em seu tempo fazer no âmbito das ciências do homem, o mesmo que Newton havia reliazado no âmbito da ciência natural: explicitar e investigar as leis e princípios básicos que comandam os modos de pensar, sentir e de conviver entre os seres humanos. Para Hume, os assuntos morais abrangiam todos aqueles temas que hoje consideramos como pertencentes as ciências humanas, como a política, o direito, a moral, a psicologia e a crítica das artes. Ele possuía uma visão futurística dentro da filosofia moderna do que seriam ciências ou ramificações que fluiriam de dentro da própria filosofia.

Para o pensamento humeano as crenças morais são intrinsecamente motivantes e não precisam de forças teológicas-metafísicas. Se você acredita que matar é errado, você estará motivado interiormente a não matar (internalismo moral). A razão por si só não motiva ninguém, a razão descobre os fatos e a lógica, mas ela depende dos desejos e preferências quanto à percepção daquelas verdades e só isso nos motiva. A razão por si não produz crenças morais. A moralidade depende ultimamente do sentimento, sendo o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

papel da razão apenas o de preparar o caminho para os nossos sensíveis julgamentos por análise da matéria moral em questão.

Sobre o mérito pessoal e motivação moral Hume (2004, p. 357) declara: “... toda qualidade da mente que seja útil ou agradável a própria pessoa ou a outros transmite um prazer ao espectador, granjeia sua estima e recebe a honrosa denominação de virtude ou mérito”. Ou seja, a virtude surge ao apreciar algo de utilidade pública e privada, e isso gera uma satisfação pessoal por si só. São qualidades da mente, são pensamentos bons, agradáveis, construtivos e não destrutivos a nível pessoal ou coletivo. O mérito pessoal e moral está nisso, que cada ser humano racional possa por si mesmo discernir qualidades úteis e agradáveis da vida cotidiana, estabelecendo juízos das coisas por sua razão natural, livre de preconceitos, ilusões, supertições ou influências religiosas.

Sobre a influência negativa da religião Hume (2004, p. 349) declara: “...parece razoável supor que sistemas e hipóteses perverteram nossa faculdade natural de entendimento, ao vermos que uma teoria tão simples e óbvia conseguiu escapar por tanto tempo aos exames mais cuidadosos”. Para Hume, celibato, jejum, penitência, mortificação, negação de si mesmo, submissão, silêncio, solidão e todas as chamadas virtudes monásticas, deveriam ser rejeitadas pelas pessoas sensatas, porque segundo Hume não servem a nenhum propósito humano-racional; não o faz membro mais valioso da sociedade, e acabam afetando suas alegrias na convivência social, acabam diminuindo e afetando a satisfação pessoal dos indivíduos e não acrescentam em nada a sua potencialidade e sociabilidade. Conforme afirma Hume (2004, p.340) “Elas frustram todos, entorpecem o entendimento, endurecem o coração, toldam a imaginação e amargam o temperamento”. Hume não via a importância e sequer sentido para tais práticas, pois para o autor elas não contribuíam em nada na formação do indivíduo quanto a sua moral e convívio social com seus semelhantes. Pelo contrário, via nas virtudes monásticas algo funesto e irracional, que precisava ser banido pelos empiristas céticos de sua época. Baseado na razão e experiência, Hume afirmava que essas influências religiosas não contribuíam em nada no fator motivacional moral das sociedades humanas.

Quando Hume (2004, p.350) fala da natureza humana e do sentimento universal como fundamento da moral, ele declara: “...há alguma benevolência, ainda que pequena,

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

infundida em nosso coração, alguma centelha de afeição pelo gênero humano, alguma parcela de pomba entrelaçada, em nossa constituição, a elemento de lobo e serpente”.

Hume reconhece que dentro dos homens existem algo de bom, moralmente falando, que está no interior do homem, um sentimento universal de efeição entre os homens, mas também dentro desta natureza existe um dualismo entre a pomba (bem moral) e a serpente ou lobo (mal moral). Esses sentimentos segundo Hume são frágeis, mas são sentimentos que são capazes de comandar as decisões de nossa mente e de produzir sempre uma preferência pelo que é útil e proveitoso a humanidade e o indivíduo, ao invés de escolher aquilo que é prejudicial e perigoso.

Surge então no pensamento humeano a “distinção moral”, que é um sentimento geral de censura e aprovação, uma espécie de inclinação, mesmo que pequena pelas virtudes ou o bem moral, e ao mesmo tempo uma aversão proporcional aos vícios (mal moral ou corrupção humana). Conforme declara Hume (2004, p. 351): “A noção de moral implica algum sentimento comum a toda humanidade, que recomenda o mesmo objeto a aprovação generalizada e faz que todos os homens, ou a maioria deles, concordem em suas opiniões ou decisões relativas a esse objeto”.

Todos os indivíduos racionais e morais devem priorizar portanto um ponto de vista comum (bem comum) para si e para outros, em detrimento de buscar seus próprios interesses privados e particulares devemos sempre priorizar o universal/coletivo. De acordo com o pensamento humeano:

Ele deve, portanto, distanciar-se de sua situação privada e particular e adotar um ponto de vista comum a si e aos outros; ele precisa mobilizar algum princípio universal da constituição humana e ferir uma tecla com a qual toda a humanidade possa ressoar em acordo e harmonia. Assim, se pretende expressar que um certo homem possui atributos cuja tendência é nociva a sociedade, ter escolhido esse ponto de vista comum e tocado um princípio de humanidade com a qual toda pessoa, em certa medida, concorda. (HUME, 2004, p. 352)

As pessoas que reconhecem este sentimento universal, tem a capacidade de ferir ou tocar na tecla com a qual toda a humanidade possa ressoar em acordo e harmonia, ou seja, fazer com que suas afirmações ressoem nos corações de toda humanidade quando estas estão de acordo com esse sentimento universal moral coletivo. Um exemplo disso é a afirmação: Ele é meu inimigo (algo particular que afeta só a uma pessoa). E outra coisa

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

é a afirmação: Ele é corrupto (algo universal que afeta a toda uma sociedade). Quem bem utiliza e conhece esse entendimento da natureza humana será muito mais eficaz em suas preposições, pois utiliza deste sentimento universal moral presente em todos os seres racionais.

Para Hume o coração humano é composto dos mesmos elementos, jamais será totalmente insensível ao bem público, nem inteiramente indiferente as tendências dos caracteres e condutas humanas. Essa afeição humanitária pode até não ser tão forte como a vaidade ou a ambição, mas é comum em todos os seres humanos, e isso fomenta uma fundação para a moral humana ou para qualquer sistema moral geral de censura ou louvor. Hume afirma que:

Não apenas os sentimentos decorrentes do caráter humanitário são os mesmos em todas as criaturas humanas e produzem a mesma aprovação ou censura, como também abrangem todas essas criaturas, de modo que não há nenhuma cujo comportamento ou caráter que não seja, em virtude deles, um objeto de censura ou aprovação para todos. (HUME, 2004, p. 353)

Observa-se que aprovação e censura são os dois elementos que incidem sobre o pensamento moral, de acordo com Hume das escolhas morais positivas surgirão as virtudes louvadas pelas pessoas, ou diante das escolhas e ações negativas surgirão os vícios reprovados pela sociedade na qual o indivíduo esteja inserido. É um caráter humanitário, ou seja, um senso coletivo comum presente em todos os indivíduos racionais. Esse sentimento universal abrangente estende-se a toda humanidade e faz com que mesmo as ações e comportamentos das pessoas mais distantes sejam objetos de aplauso ou censura, tendo ou não regra de correção estabelecida pelos costumes da sociedade. Tudo aquilo que é benéfico a sociedade ou a própria pessoa sempre será preferido. Toda qualidade ou ação humana deve ser submetida a censura ou aplauso geral. Conforme afirma o autor:

Qualquer conduta que ganhe minha aprovação ao tocar minha humanidade também obterá o aplauso de todos os seres humanos, ao excitar neles o mesmo princípio. Mas o que serve a minha avareza ou ambição só satisfaz essas paixões em mim mesmo, e não afeta a avareza ou ambição do resto da humanidade. (HUME, 2004, p. 354)

O indivíduo moral é aquele que prefere o bem coletivo, o respeito mútuo entre



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

os indivíduos, a sociabilidade, a paz social ao invés da satisfação pessoal egocêntrica. Essa conduta com respaldo universal é o que ganha aprovação e o aplauso de todos os seres humanos racionais. A moral então para Hume é identificada, virtude e vício tornam-se conhecidos, os indivíduos passam a ter uma idéia geral das ações e condutas humanas, princípios universais passam a ser estabelecidos, e sentimentos particulares egocêntricos são controlados e restringidos.

A humanidade para Hume levanta-se sobre estes princípios sociais e universais contra seus inimigos comuns: o vício e a desordem. Uma preocupação benevolente pelos demais (sentimento solidário) está difundida em maior ou menor grau entre todos os seres humanos. O discurso propaga, o convívio social o incentiva, e as naturezas solitárias e incultas são despertadas da letargia. Segundo afirma Hume (2004, p. 355) “Exemplos de arruaças populares, rebeliões, sublevações, pânico e todas as paixões compartilhadas por uma multidão ensina-nos o poder que tem a sociedade para despertar e alimentar todo tipo de emoção... Motivos fúteis e insignificantes bastam para desencadear as mais incontroláveis desordens”.

Outro elemento da natureza humana importante e consolidador da moral é o amor pela fama, que reforça ainda mais em todos os seres racionais o sentimento moral. Conforme declara Hume (2004, p. 356): “Em nossa busca contínua e sincera de um caráter, um nome, uma reputação na sociedade, passamos frequentemente em revista nossos procedimento e conduta, e consideramos como eles aparecem aos olhos dos que nos estão próximos e nos observam”. Por tanto, para Hume todos estão nessa busca por reputação ou imagem perante a sociedade onde estão inseridos, essa imagem está baseada nas condutas e procedimentos, são observadas, avaliadas, reprovadas ou louvadas por aqueles que convivem entre humanos. Esse é por si mesmo um fator motivante para o confronto racional mediante ações morais. O que pensarão? Que imagem farão de mim? Como ficará minha reputação mediante esta ou aquela ação? Todos possuem um nome a zelar e uma imagem social a preservar. Hume reforça esta qualidade intrínseca presente entre os humanos em sociedade. Hume (2004, p. 356) afirma que “Esse constante hábito de nos inspecionarmos pela reflexão mantém vivos todos os sentimentos do certo e do errado, e engendra, nas naturezas mais nobres, uma certa reverência por si mesmo e pelos outros que é a mais segura guardiã de toda a virtude”.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim os prazeres efêmeros animais perdem seu valor, enquanto que as beatitudes e graças morais são progressivamente adquiridas pelo indivíduo, seu espírito torna-se aperfeiçoado e moderado como convém a todas as criaturas racionais. Segundo Hume a moral baseia-se nesses 3 pilares: 1) No sentimento universal de bondade e solidariedade presente em todos os seres humanos; 2) Em nosso cuidado por preservar nossa reputação perante os outros; 3) Recebermos por nossas ações a aprovação ou censura da humanidade. 3 elementos racionais que por si são fatores motivantes para as ações morais de todos os homens, sem apelo a influências metafísicas ou religiosas.

Para Hume tudo o que promove o bem da sociedade é uma virtude a ser exaltada, ou seja, útil e agradável. Justiça, fidelidade, honra, veracidade, lealdade são elementos que preservam e tornam possível a própria existência das sociedades humanas. Essas virtudes e qualidades imediatamente “agradáveis aos outros” para Hume (2004, p. 358) “já falam suficientemente por si mesmas, e deve ser na verdade muito infeliz, quer em seu temperamento quer em sua convivência social, quem nunca se apercebeu dos encantos de um espírito exuberante, de uma efusiva amabilidade, de uma delicada modéstia, de uma decorosa polidez”. Por tanto, após estas breves reflexões, podemos meditar sobre o pensamento humeano e analisar nossas próprias condutas, conhecer nossa própria natureza humana, e reconhecer o papel da razão e do sentimento, cada qual cumprindo seu papel.

Referências

- HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- Diversos . **Filosofia Moral Britânica: Textos do Século XVIII**, vol. I. Campinas: Editora da